

## ARMADILHAS

A mensagem, captada pelo pessoal do posto de transmissões, propalou-se rapidamente pelo aquartelamento:

"Caiu uma catrefada de turras nas armadilhas do trilho Luvo."

As casernas esvaziaram-se e a parada encheu-se de frenesim. Os cozinheiros largaram os tachos e correram a engrossar os magotes efervescentes. O pessoal da limpeza desenvencilhou-se das vassouras e embicou direito ao posto de transmissões. Para aumentar a balbúrdia, o jipe da água com o auto-tanque a reboque irrompeu pela parada a grande velocidade, quase cilindrando um dos grupos.

- Querem trancar o jipe? - refilou o condutor, envolto numa nuvem de poeira.

O furriel mecânico Reis apercebeu-se do incidente e saiu disparado da messe dos sargentos, de rosto apoplético por quatro ou cinco Sagres.

- O que há?

- Estes gajos atravessaram-se diante do jipe - desculpou-se o condutor.

- Quantas vezes já te disse para andares mais devagar dentro do aquartelamento? - gritou o furriel assanhado.

O condutor achou por bem bater em retirada e o jipe começou a rastejar de rabo entre as pernas para a cozinha.

Só então o furriel Reis se apercebeu da agitação reinante.

- Passa-se alguma coisa? - perguntou ao redor.

- Parece que caiu um exército de turras nas nossas armadilhas - respondeu-lhe o básico Marecos, feliz por esclarecer um furriel.

O furriel Meneses estava estendido na cama, embrenhado na leitura duma revista quando se levantou a balbúrdia. Depois ouviu o derrapar do jipe.

"São os fangios do Reis" pensou, mas como a agitação persistia pousou a revista e foi abrir a porta.

- O que há? - perguntou ao Reis que regressava agitadíssimo à messe.

- Cairam uns gajos nas armadilhas do Luvo.

- Nossos?!

- Turras, parvo.

Meneses começou a ver tudo à roda. Parada, homens, casernas, céu, bandeira, num turbilhão alucinante. Encostou-se à parede para não cair.

- Sentes-te mal, pá? - assustou-se Reis.

Lentamente, tudo foi reocupando o seu devido lugar. Ficou só o coração a estraçalhar o peito.

- Queres um copo de água?

Meneses abanou a cabeça.

- Não, obrigado. Já estou bem.

- Devias ir medir a tensão, aconselhou o Reis. Deves andar a precisar duns copos. Anda dai.

- Vai tu. Já estou bem.

O Reis ainda duvidava.

- Vê lá se te dói alguma coisa.

Meneses reentrou na camarata. Atirou-se para cima da cama.

“Caídos nas armadilhas que ele e o alferes Vasconcelos tinham montado.”

Vozes, saídas das próprias entranhas esmagavam-lhe as têmporas.

“Assassino... Assassino...”

Afundou a cara na almofada, as mãos crispadas nos ferros da cama.

Um rugido animal subiu-lhe à garganta e as lágrimas saltaram, por fim, a ferver, rosto abaixo.